

Cláudio Nadalin Vaz da Costa



FOTOGRAFIA PARA TODOS

**A FOTOGRAFIA DESVENDANDO O USO DE TECNOLOGIAS
CONTEMPORÂNEAS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

**Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013**

Cláudio Nadalin Vaz da Costa.

FOTOGRAFIA PARA TODOS

**A FOTOGRAFIA DESVENDANDO O USO DE TECNOLOGIAS
CONTEMPORÂNEAS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Henrique Augusto Nunes
Teixeira

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Costa, Cláudio Nadalin Vaz, 1960 - Fotografia Para Todos - A Fotografia desvendando o uso de tecnologias contemporâneas.

Especialização em Ensino de Artes Visuais /Cláudio Nadalin Vaz da Costa – 2013.

50 f.

Orientador(a): Henrique Augusto Nunes Teixeira

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Teixeira, Henrique Augusto Nunes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada Fotografia Para Todos, de autoria de Cláudio Nadalin Vaz da Costa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Professor Henrique Augusto Nunes Teixeira - Orientador

Professora Daniela Maura dos Santos

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Para agradecer a cada um que contribuiu de alguma forma para a realização desta Especialização eu precisaria de uma lista muito extensa, mas é sincero o reconhecimento da generosidade dos professores, tutores, orientadores, familiares, amigos e colegas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
INTRODUÇÃO.....	07
1. FOTOGRAFIA PARA ALÉM DA TÉCNICA.....	12
1.1 Experiências pregressas de ensino de fotografia.....	13
1.1.1 Descrição da atividade.....	17
1.1.2 Breve reflexões sobre minha prática com a fotografia.....	25
2. PERÍODOS DE DEMOCRATIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA DURANTE SUA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA.....	30
2.1 Popularização de banalização da fotografia.....	37
3. PROPOSTA DE UMA NOVA PRÁTICA DE ENSINO DE FOTOGRAFIA.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49

RESUMO

O projeto se propõe a apresentar novas técnicas e metodologias de ensino de fotografia na intenção de desmitificar a imagem e a técnica fotográfica, utilizando a abordagem triangular proposta pela arte educadora Ana Mae Barbosa.

Com a intenção de criar estratégias para trabalhar com públicos de diferentes perfis, é usada uma metodologia fluida que se adéqua a situações e condições diferentes.

Também são estudados os períodos de maior popularização da fotografia e do retrato fotográfico durante a sua evolução e conseqüentemente, a democratização da imagem e da expressão fotográfica.

Palavras chaves: Democratização tecnológica; Ensino; Tecnologia fotográfica; Abordagem Triangular; Popularização da fotografia.

INTRODUÇÃO

Esta monografia se propõe a refletir sobre metodologias de ensino de fotografia, na intenção de desmitificar a imagem e a técnica fotográfica. Assim, permitir aos alunos, que a partir da prática fotográfica tenham maior acessibilidade à expressão fotográfica (enquadramento, composição, iluminação, e demais fundamentos pertinentes à imagem) e não somente a operação técnica dos equipamentos.

Neste projeto vou refletir sobre a “Abordagem triangular no ensino das artes culturais visuais” segundo Ana Mae Barbosa. A sua contribuição nos faz construir e agregar novos saberes, pois defende um ensino que engloba o fazer, o fruir e o contextualizar, legitimando a arte como área do conhecimento. Sendo determinante a vivência prática do professor pesquisador que atua também, enquanto artista, prática que lhe proporciona conhecimentos e experiências que fundamentam sua função de educador.

Diante das constantes mudanças socioeconômicas dos nossos tempos e com o grande avanço tecnológico já ocorrido com a fotografia analógica no século XX, houve um grande processo de popularização do ato fotográfico e, com a revolução digital no século XXI esse processo tomou uma proporção ainda maior com o barateamento de custos e facilidade de acesso a equipamentos fotográficos. O processo fotográfico vai bem além do domínio da técnica e do equipamento, a fotografia é construída a partir de referências culturais, sociais e pessoais do fotógrafo que a produziu e que será interpretada pelo leitor a partir de sua bagagem cultural, em um jogo de realidades, representações e interpretações. É a mediação de três mundos: o fotógrafo, a imagem e o fruidor.

O tema escolhido é um relato e uma reflexão acadêmica a partir da minha experiência profissional como fotógrafo, aliada aos conhecimentos adquiridos durante o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFMG. Esta especialização possibilitou estudar outros pontos de vista, outras disciplinas e novos olhares. Vivenciei a arte como um todo, através de experiências interessantes e até surpreendentes.

Na sala de aula, na condição de professor, é importante ter outros pontos de vista, é interessante levar o seu conhecimento e observar o que os alunos podem agregar a este conhecimento, mesmo não tendo domínio sobre o assunto. Esta parceria ajuda a rever o preconceito, tanto de saber ouvir e saber falar para obter novos pontos de vista.

A proposta vem de uma necessidade pessoal de ter um aprendizado acadêmico e pedagógico - partindo do princípio de que a minha melhor bagagem vem da minha prática profissional, a minha prática como fotógrafo - para aprimorar o trabalho que já desenvolvo como professor de um curso de fotografia. Minha formação em Design Gráfico não incluiu uma formação pedagógica, sendo esta uma das origens do meu interesse em desenvolver um projeto de pesquisa em ensino de artes visuais. Outro fato motivador vem da minha prática profissional como fotógrafo do CECOR - Centro de Conservação e Restauração de bens culturais móveis da Universidade Federal de Minas Gerais, na área de fotografia para restauração de obras de arte, onde atuo desde 1994.

Uma formação direcionada ao ensino possibilitará um melhor aprendizado por parte dos alunos e conseqüentemente, a criação e o aprimoramento das metodologias aplicadas. Desta forma, para criar estratégias para aprimorar a qualidade e o formato destas aulas, experimentei os conhecimentos adquiridos no CEEAV - Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, aliando-os aos meus conhecimentos práticos. Encaro como um desafio o fato de ensinar Fotografia em uma carga horária muito pequena, para um conteúdo bem extenso.

Para se falar em fotografia é importante falar sobre as múltiplas expressões da arte. Arte implica um olhar em processo em construção. O processo de fazer - ensinar e aprender arte associa uma série de ações e movimentos e seu desenvolvimento não segue uma fórmula linear. Aprende-se ensinando e ensina-se aprendendo por caminhos de vários sentidos, (idéia que pretendo explorar no desenvolvimento do projeto) entre construções e desconstruções, desdobrando em instigações e criatividade e em freqüentes decolagens e aterrissagens. A arte é uma construção multicultural e seu ensino é vinculado ao fazer, aprender e ensinar, concomitantes.

A abordagem triangular oferece propostas dinâmicas que favorecem o desenvolvimento artístico, a ampliação de fronteiras culturais, apresentando-se bem adequada para o ensino da Fotografia.

Podemos dizer então que, a pesquisa em ensino de arte se baseia no fazer (neste momento é importante à atuação do professor-artista), ensinar, aprender e na sua reflexão do pensamento artístico, (outro momento em que o professor artista tem bastante importância, pois lida com questões similares para resolver seus próprios trabalhos) já que o objeto de estudo, é o processo ensino-aprendizagem e a complexidade que o envolve. Essa metodologia é fundamental para a dinamização e adequação do processo ensino - aprendizagem.

O conhecimento da teoria contribui para a abertura de novos horizontes e possibilidades e, analisar a história nos ajuda a compreender o presente e a projetar melhores atuações no futuro, este conjunto de estudos e pesquisas fortalece a formação de um corpus teórico na área de Artes Visuais. Sendo importante saber que a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa foi sistematizada nos anos 80, e amparado em seus três eixos - fazer, ler e contextualizar. Quando propõe o desenvolvimento do pensamento artístico (aqui, a prática diária da fotografia favorece o professor artista) e a interdisciplinaridade no estudo da arte, promove a contextualização e elaboração da experimentação artística, (prática que lido diariamente).

De acordo com Pimentel (2010 p.212), ainda sobre a temática da abordagem triangular:

“Vem contribuindo para a Arte/Educação e o ensino de arte: não é um método a ser aplicado, mas uma proposta a ser estudada e pensada artisticamente. Sendo uma abordagem de arte/educação pós- Moderna, favorece a ampliação de fronteiras culturais e interdisciplinares para o estudo da arte, pela compreensão histórica, social e cultural da arte nas sociedades, e pela elaboração da experimentação artística”.

Por isso minha escolha em basear o ensino da fotografia na abordagem triangular de Ana Mae. A experiência como artista me faz ir além do desenvolvimento de

atividades: a contextualização de teorias em atividades práticas desperta a curiosidade e instigam a investigação de professores e alunos incentivando o pensamento artístico e crítico dentro da sala de aula.

A ideia de ensino-aprendizagem com um professor-artista faz com que os alunos participantes do projeto possam fazer uma apreciação de fotos de artistas diferentes, assim como as fotos do próprio professor-artista, aproximando a contextualização das obras numa apreciação (estética, social, política, etc.) mais detalhada, pois o professor pode descrever fielmente os procedimentos técnicos e práticos das suas obras. No meu caso, aprofundar na Abordagem Triangular é relacionar o meu universo da fotografia a outros, e ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem dentro de sala de aula.

O pano de fundo do ensino da arte é ampliação. Ampliação das múltiplas expressões que podemos utilizar através da arte. Neste processo de ampliação, no contexto deste trabalho, está a fotografia.

A pesquisa teve como ponto de partida a leitura de vários livros, artigos e outras publicações além do foco em meu trabalho. O objetivo foi ampliar meus conceitos e estudos sobre a importância da fotografia, que forma um novo olhar para o mundo.

O trabalho desenvolvido é de caráter qualitativo, sendo: leituras variadas, organização dos temas e aula prática. Uma descrição de um todo sobre a fotografia identificando as principais atividades relacionadas a ela e como se processa a relação das pessoas envolvidas com a imagem fotográfica.

Outro recorte significativo é a reflexão evidenciada com o sentimento, explicitado pela autora Ana Mae Barbosa em seu livro “Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais” (2012) e a minha relação com a fotografia. Existe uma ligação e um forte envolvimento no que diz respeito a arte de fotografar. O que nos faz refletir sobre o comportamento e relacionamento de todos os envolvidos. Estabelece-se um espaço de fortalecimento dos laços de confiança, fomentando a fotografia como materializadora dos pensamentos dos ali envolvidos.

O instrumento para coleta de dados foi à observação dos meus alunos e seu comportamento frente à fotografia, bem como uma autoanálise da minha prática docente. E, ao mesmo tempo uma breve apresentação biográfica de alguns

trabalhos do fotógrafo Sebastião Salgado. Teremos como início da atividade a abertura do espaço para leitura das obras do fotógrafo citado em contraponto com as obras realizadas por mim, criando um ponto de partida para análises e contextualizações formais das imagens dos fotógrafos.

Em um segundo momento houve uma atividade prática com os alunos produzindo algumas fotografias dentro da proposta de trabalho de Sebastião Salgado e o desenvolvimento de atividades amparadas na “Abordagem Triangular” proposta por Ana Mãe Barbosa, envolvendo o fazer, o fruir e o contextualizar, com uma atividade prática com os alunos produzindo algumas fotografias.

No terceiro momento, a apresentação do trabalho realizado pelos alunos e uma avaliação por parte dos mesmos, sendo uma análise crítica e reflexiva sobre o trabalho desenvolvido. Ou seja, os alunos fizeram uma pequena descrição estética das obras apreciadas, uma contextualização social e política do trabalho do autor e uma reflexão sobre a prática fotográfica desenvolvida. Pois avaliar significa rever os fazeres, refletir.

1. FOTOGRAFIA PARA ALÉM DA TÉCNICA

O que faz a fotografia ser fotografia vai muito além da questão técnica. A fotografia enquanto arte também depende da técnica e parece ter sua realização centrada no ato de instigar o outro, diferente da fotografia da publicidade e da comercial, nas quais o objetivo depende da comunicação para conseguir um resultado comercial desejado. Pessoalmente o mais importante é a questão criativa, aquilo que o fotógrafo consegue colocar na imagem: a expressão, a criatividade, a poética, sem invalidar as questões técnicas do processo, que também são muito importantes.

1.1. Experiências progressas de ensino de fotografia

Durante as aulas de fotografia no curso de Comunicação Visual na FUMA – Fundação de Arte Aleijadinho, surgiu à vontade e o grande interesse em me profissionalizar neste segmento. O contato com a câmara reflexa e com o laboratório fotográfico surpreendeu-me e durante o curso tive a oportunidade de trabalhar como fotojornalista no Jornal de Minas. A experiência com o fotojornalismo, sua dinâmica de reportagens em diversas situações e condições, e o contato diário com outros fotógrafos foi um início da paixão pela fotografia. Na Fuma, tive uma ótima oportunidade, já que na época, as opções de formação em Fotografia em Belo Horizonte eram poucas.

Posteriormente montei um estúdio de fotografia (Studio Tons da Luz) onde desenvolvi trabalhos comerciais e artísticos nas áreas de moda, retrato e reportagem, dedicando-me especialmente à fotografia de pessoas com as quais tenho grande identificação. Em 1994, entrei para a Universidade Federal de Minas Gerais exercendo a função de fotógrafo do CECOR - Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais na Escola de Belas Artes, trabalhando com documentação fotográfica. Atualmente, também atuo como *free lancer* fotografando pessoas, espetáculos de dança e teatro, etc.

Na Escola de Belas Artes tive minhas primeiras experiências como professor nos cursos de Iniciação à Fotografia oferecidos pelo CENEX à comunidade, e em participações no “*Pinhole Day*” (evento mundial dedicado à prática de fotografia pinhole¹, organizado por um grupo de fotógrafos de Belo Horizonte).

¹¹ Fotografia com câmara de orifício é uma técnica de simples tecnologia, geralmente feita com caixa de papel ou latas vazias, que são vedadas à luz. É feito um pequeno orifício e coloca-se o material sensível dentro, pode ser um filme ou papel fotográfico, de forma que só a luz penetre no interior da caixinha. A câmara pinhole oferece efeitos interessantes como a distorção que ela proporciona, de acordo com seu formato e dimensão. Outra coisa, ela não tem visor, então você não visualiza o que vai sair na imagem. O tempo de exposição é variável, você sempre usa longos tempos de exposição para compensar a pequena entrada da luz, e o processo é todo empírico, em que não se tem uma máquina com objetiva, obturador, para controles mais precisos. Mas a fotografia *pinhole* é bem didática, funciona para mostrar os princípios básicos da fotografia, tais como a captação da imagem, sensibilidade, tempo de exposição, profundidade de campo, e acaba por proporcionar um trabalho mais lúdico, criar imagens menos reais, sem controle, com muito teor artístico.

O primeiro curso de iniciação à fotografia no CENEX (Centro de Extensão da Escola de Belas Artes/UFMG) foi em parceria com o fotógrafo Cléber Falieri, do Departamento de Fotografia, Teatro e Cinema. Trabalhamos com máquinas analógicas, exercitando a operação da câmera 35m, fotografando e revelando no laboratório. O público-alvo era constituído de pessoas da comunidade da UFMG (funcionários, alunos) e visitantes, normalmente pessoas acima de 30 anos.

O “*Pinhole Day*” é um evento mundial dedicado à fotografia *pinhole* (fotografia de orifício sem objetiva, feita com câmeras artesanais tais como latas e caixas de papelão), com participação de um público mais jovem e mais abrangente, não se restringindo ao campus da UFMG, vindo pessoas de várias partes da Grande Belo Horizonte.

O *pinhole* é um bom exercício para a iniciação, por demonstrar como funcionam os princípios básicos da fotografia, como o processo de sensibilização do material com longos tempos de exposição, o processo de revelação e cópias no laboratório fotográfico. O curso de *pinhole* é muito rápido, as atividades eram agendadas em vários horários, com média de duas horas de duração para cada turma. Os alunos verificavam como funciona o processo. O curso do CENEX tem uma carga horária maior, o que permite um bom aproveitamento com os alunos desenvolvendo várias atividades. Como não tinha muita experiência em lecionar, as aulas eram mais demonstrativas – apresentava o equipamento, o funcionamento da câmera, mostrava o trabalho de outros fotógrafos; e, claro, havia a questão da prática (fotografar, ir ao laboratório para revelar e fazer cópias).

A formação pedagógica fez falta. Apreendi com a prática, mas não sabia lidar com a teoria de maneira mais organizada, como planejar adequadamente uma aula; era preciso certo esforço para segurar a atenção dos alunos, administrar o tempo da aula, fazer a avaliação dos trabalhos, algo que eu achava muito complicado. Tinha mais desenvoltura na hora de ensinar a prática. Por em prática e ver os resultados: mostro o funcionamento de câmeras digitais e analógicas, objetivas e acessórios; sento com os alunos para discutir o operacional das câmeras deles, estímulo a tirar dúvidas durante o curso, faço exercícios para demonstrar o funcionamento do equipamento em geral e estímulo os alunos a produzirem bastante.

Em 1998 fui convidado a ensinar fotografia no Curso Técnico em Restauração e Conservação da FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto, atividade que exerço até hoje. O curso da FAOP tem um enfoque técnico, procuro compartilhar com os alunos um pouco da minha experiência com a prática profissional no CECOR. Consciente de que, o ensino é como uma via de mão dupla; ocorre o aprendizado nos dois sentidos. Tanto via professor aluno, como via aluno professor, quando este, também recebe informações e experiências muito úteis para o desenvolvimento de suas metodologias e práticas educacionais voltadas para o seu crescimento humano estabelecendo assim, uma importante relação de troca de conhecimento.

No início havíamos montado a oficina como um *workshop*. Não havia ainda uma metodologia muito planejada, mas eu conseguia através de atividades práticas apresentar os conhecimentos necessários e os alunos reproduziam. Trabalha-se de maneira simples, por exemplo, utilizando projetor de slide para fazer a luz rasante², (uma técnica de iluminação de telas para analisar o estado da superfície da pintura), e também aproveitando a luz natural e a luz ambiente. Ao entrar para o Curso de Especialização de Ensino de Artes Visuais da EBA-UFMG, comecei a aplicar novas metodologias de trabalho, introduzindo a contextualização nas práticas de ensino ao discutir aspectos históricos, sociais, culturais, diferenciando das atividades somente práticas e teóricas desenvolvidas anteriormente, quando observei um progresso na dinâmica das aulas e um melhor aprendizado dos alunos com a utilização da Abordagem Triangular.

O público do curso tem um perfil diversificado, a maioria dos alunos mora em Ouro Preto sendo que, alguns são da cidade e outros vieram de várias regiões do país para estudar. A faixa etária inclui jovens recém-saídos do Ensino Médio e adultos com formação superior em áreas como engenharia e história, dentre outras. O perfil socioeconômico também é variado e os alunos têm acesso a bens culturais e se interessam por arte, sempre comentando durante as aulas, sobre exposições e apresentações de música e teatro.

Certa vez desenvolvi um programa de trabalho, que se inspirava em um fotógrafo conhecido, o Sebastião Salgado. Este artista possui extenso material de imagem e textos disponíveis para pesquisa. E, possui um estilo documental, com uma grande

² Técnica fotográfica utilizada por restauradores, que permite analisar a superfície da obra de arte destacando imperfeições como empenamentos, cracklês, dentre outras.

pesquisa com a luz como estruturadora das imagens, vinha ao encontro às técnicas desenvolvidas no âmbito do curso de fotografia ligado ao CECOR. Outro ponto importante era que, eu tinha familiaridade com o estilo do artista por haver trabalhado antes com fotos para jornalismo; ademais, o artista, assim como eu, vinha de uma tradição analógica e se enveredou depois para os equipamentos digitais.

Durante estes anos de formação fiz vários cursos de aperfeiçoamento na área de fotografia procurando me atualizar, principalmente pela rápida mudança tecnológica da fotografia analógica (com a qual iniciei meus aprendizados), para a fotografia digital, dominante no universo fotográfico atualmente. Esta mudança trouxe novas vantagens de como não usar filmes e ter que revelá-los e a possibilidade de distribuição de fotografias quase que instantaneamente pela internet, acrescentaram maior velocidade ao trabalho do fotógrafo. Por outro lado, a substituição do laboratório fotográfico pelos programas de edição de imagens como o *Photoshop*, se tornou um desafio com uma infinidade de possibilidades e exigindo novos conhecimentos para a pós-produção de fotografias. O Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais foi o primeiro na área de educação e vem suprir a minha carência de formação mais adequada para exercer a função de professor.

A atuação como artista e profissional, tendo constante contato técnico e poético com a fotografia, constitui um recurso metodológico eficiente para exercer a função de educador fundamentada em conhecimentos e experiências.

A partir dessa proposta, elaborei uma atividade com meus alunos do Curso Técnico em Conservação e Restauração da FAOP em 2012, baseado no trabalho de Sebastião Salgado. Os alunos pesquisaram sobre o fotógrafo, fizeram um trabalho prático inspirado na sua obra e posteriormente fizeram uma apresentação das fotos. Os alunos produziram fotografias de pessoas em preto e branco com resultados bem interessantes e alguns até surpreendentes com contraluz formando imagens bem expressivas.

1.1.1 Descrição da atividade

A atividade realizada foi uma aula de fotografia no Curso Técnico em conservação e Restauração, módulo 2 pela FAOP em 2012.

A faixa etária atingida foram jovens formados no Ensino Médio ou Técnico e adultos graduados em áreas diversas, tendo como objeto de estudo o fotógrafo Sebastião Salgado.

A relevância da escolha deste tema foi à apresentação de um trabalho fotográfico documental com influências estéticas, em curso de fotografia documental para restauradores, com a finalidade de mostrar a possibilidade de aplicações artísticas da fotografia em um trabalho com o propósito mais técnico.

Sendo assim, vale refletir sobre a representação que Sebastião Salgado faz do homem no panorama contemporâneo e no período de transição tecnológica na fotografia. Pois, Salgado é fotógrafo profissional desde 1973, trabalhando nas agências *Sygma*, *Gamma* e *Magnum Photos* até 1994, quando fundou com sua mulher Lélia Salgado a *Imagens Amazonas*. Viajou por mais de 100 países para desenvolver seus projetos, a maioria deles aparece em várias publicações, exposições e livros como *Trabalhadores*, *Terra*, dentre outros. Destaque para o trabalho sobre o Massacre do Carajás que entrou para a história como o mais emblemático conflito pela reforma agrária e luta pela terra no Brasil.

O próprio Sebastião Salgado não se considera um fotógrafo documental ou artístico e explica que seu trabalho é um resultado de suas experiências de vida, que ele conta através da fotografia. É perceptível um grande rigor técnico e estético, em fotógrafos como Salgado, Henri Cartier Bresson dentre outros, eles deixam marcas estilísticas ou pessoais em seus trabalhos como se fossem assinaturas, ainda que o trabalho seja reconhecido pelo caráter documental.

O conceito de fotografia documental anteriormente assumia um compromisso de fidelidade da realidade, aquilo que acontece em determinado momento. A fotografia estava fortemente associada ao real. No trabalho destes fotógrafos temos um caráter documental associado a poéticas pessoais.

Contemporaneamente, este conceito mudou: a fotografia documental é a expressão da ou sobre a realidade e hoje a imagem, de certa forma, produz um real e segundo Boris Kossoy, “o conceito de fotografia e sua imediata associação à idéia de realidade, tornam-se tão fortemente arraigados que, no senso comum, existe um condicionamento implícito de a fotografia ser um substituto imaginário do real”. (KOSSOY,2002,pag.136)³.

O trabalho foi desenvolvido em três etapas:

1º - Apresentação de uma breve biografia e de alguns trabalhos do autor em épocas e locais diferentes. Além da apresentação do livro “Trabalhadores”. Em seguida, foi aberto um espaço para apreciação, contextualização e análise formal e estética das imagens de Salgado.

2º - Atividade prática nas quais os alunos produziram algumas fotografias inspiradas na proposta do trabalho de Sebastião Salgado, explorando a estética da foto em preto e branco e fazendo uma releitura do trabalho de Salgado.

Esta atividade foi desenvolvida com equipamentos amadores e semiprofissionais disponibilizados aos alunos. A escolha do tema também se deu pela facilidade de acesso e a escolha dos trabalhadores retratados. Pois, estes se encontravam nas ruas, praças e comércio de Ouro Preto e de acordo com a possibilidade dos alunos sem a necessidade de longos deslocamentos.

3º - Ao final do desenvolvimento do trabalho cada aluno selecionou duas fotos para impressão em papel fotográfico para posterior apresentação. Fizemos uma apresentação para a turma quando foram discutidos os resultados do trabalho relacionados à contextualização das imagens com o tema proposto, seu desenvolvimento técnico e estético, desta forma, promovendo uma reflexão sobre a atividade desenvolvida.

A nota avaliativa ficou dividida em 50% dos créditos para pesquisa e os outros 50% para a apresentação das fotos.

³ A proposta da atividade à seguir teve como objetivo desenvolver o ensino de fotografia baseado na proposta triangular de ensino em arte de Ana Mae Barbosa e as fontes de estudos foram os sites: <http://www.amazonasimages.com>, biografia do autor, o livro “Trabalhadores” e o site <http://www.photodocumento.blogspot.com>.

Quanto aos resultados posso dizer que os alunos evoluíram tecnicamente produzindo imagens focalizadas com boa exposição e ajustes de ISO (sensibilidade) adequados mesmo usando equipamento amador, que muitas vezes não oferece recursos e regulagens além do automático.

O desenvolvimento estético formal foi comprovado pelas fotografias em preto e branco, imagens sensíveis de pessoas trabalhando, bons enquadramentos e contraluzes, demonstrando como os alunos assimilaram bem a proposta, e se engajaram na produção do trabalho.

Relevante é observar a relação de humanização oferecida pela atividade prática, quando o fotógrafo aluno é levado a uma condição de percepção e valorização do outro e de si próprio. É reconhecer como o uso de tecnologias contemporâneas de produção de imagens oferece várias possibilidades de expressão artística, constituindo um forte aliado para o professor de arte.

A seguir apresento algumas fotos resultantes do trabalho desenvolvido pelos alunos do segundo módulo do Curso de Restauração e Conservação da FAOP, em 2012.



FIGURA 1- Fotografia da aluna Angélica

Fotografia com bom enquadramento explorando o artista e a pedra na organização da imagem e correta exposição à luz do dia.



FIGURA 2- Fotografia da aluna Andresa

A foto do trabalhador em um cenário comum da periferia de Ouro Preto e a projeção das sombras pela exposição em contraluz valoriza a profundidade da imagem e também é uma das características do trabalho de Salgado.



FIGURA 3 - Fotografia da aluna Jacqueline



FIGURA 4- Fotografia da aluna Jacqueline

A Jacqueline deu ênfase às mãos dos trabalhadores, um tempo maior de exposição na fotografia superior ocasiona um tremor nas mãos do rapaz proporcionando uma percepção de movimento na ação.



FIGURA 5 - Fotografia da aluna Paula Alves



FIGURA 6- Fotografia da aluna Paula Alves

A Paula conseguiu uma boa iluminação tanto em ambiente interno como em ambiente externo.



FIGURA 7- Fotografia da aluna Maria das Dores

Com o enquadramento em plano americano, a aluna registrou uma boa imagem da ação do escultor.

Posso concluir que a atividade descrita contribuiu com o meu aprendizado e agreguei novos olhares quanto à maneira de ensinar, de que metodologia usar e que ensinar é aprender ao mesmo tempo e que no fundo é uma troca de experiência.

1.1.2 Breves reflexões sobre minha prática com a fotografia.

A luz como matéria prima, a questão do movimento, a beleza da figura humana, expressão facial e corporal, a plasticidade cênica, são aspectos que eu procuro explorar no meu trabalho colocando meu ponto de vista, minhas escolhas, algo pessoal nessa interpretação.

Quando fotografo uma apresentação de dança ou teatro, não posso interferir na coreografia, na iluminação, mas faço meus recortes espaciais e temporais e é praticamente impossível encontrar fotos iguais de uma apresentação feitas por fotógrafos diferentes.

Aprecio fazer ensaios com pessoas onde tenho maior liberdade de criação e não programo as fotos antecipadamente definindo enquadramentos, iluminação, prefiro ir procurando as imagens à medida que o trabalho vai se desenvolvendo. Fotografar pessoas é muito instigante e sempre requer uma grande interação entre fotógrafo e o fotografado, o trabalho é realizado com a participação dos envolvidos e o fotógrafo usa sua sensibilidade para captar as melhores imagens.

Entre tantas ações acontecendo há mais ou menos um ano eu recebi um *release* sobre a apresentação de um grupo italiano de dança; e no folder havia algumas imagens. Eu senti que era uma coisa que eu gosto de fazer – fotografar apresentações de dança, teatro. Era um espetáculo que tinha boas propostas estéticas, boa produção, então eu me ofereci pra fazer as fotografias. Fotografei bastante, mesmo não conhecendo o espetáculo (não havia assistido aos ensaios). Não se tratava de um trabalho autoral (enviei algumas fotos para os produtores italianos que trouxeram o espetáculo ao Brasil), então, não utilizei as imagens, embora possa fazer um portfólio com essas fotografias.

O resultado foi interessante devido à experiência que tenho com esse tipo de trabalho. Eu tinha a bagagem para explorar a luz, a sensibilidade, o próprio movimento dos dançarinos para conseguir focar as coisas em movimento, explorar o ápice da ação, como por exemplo, acertar o “momento” da fotografia, não registrando os dançarinos no meio do movimento, mas na conclusão do ato. Era

preciso entrar no ritmo do espetáculo, compreender o movimento dos bailarinos para captar o movimento exato. Era preciso muita concentração para fotografar.

Considero essa prática um bom exercício e costumo trabalhar ainda que não comercialmente. É importante também para não perder a prática, uma vez que o ato de fotografar é sempre uma oportunidade de evoluir técnica e artisticamente. É um trabalho muito diferente do que é feito para restauradores, porque o trabalho do CECOR é um trabalho mais técnico, se fotografa mais objetos estáticos, inanimados, então a preocupação é quanto à reprodução de cor, da iluminação do objeto. Normalmente se fotografa com o tripé para que se tenha uma reprodução fiel, que preserve as características originais da obra - um trabalho que depende muito da técnica. Ao passo em que na fotografia de espetáculos de dança e teatro existe toda a questão do movimento. Eu gosto dessa interação com o tempo, de escolher o melhor momento. Também, o fato de trabalhar com pessoas é sempre interessante; procurar captar também a expressão, ou um momento expressivo, tanto do rosto quanto do gestual do artista.

A questão estética também muito me interessa. Tenho muito apreço pela figura humana, especialmente pelo corpo feminino. A luz também colabora muito, visto que o espetáculo já é organizado como um todo e isso facilita a apreensão das imagens, embora se trabalhe no limite do tempo de exposição, que tem que ser muito curto pra “congelar” a imagem em movimento. A iluminação artificial não é como a luz do dia, em que se pode escolher o diafragma; então se fica limitado à intensidade a luz artificial, bem mais fraca que a luz natural, o que limita a trabalhar com aberturas maiores de diafragma e profundidade de campo pequena.

O teatro é um pouco diferente da dança porque é marcado também pela questão da interpretação. Na dança a poética, no meu entendimento, é predominantemente plástica, mais visual; no teatro há a questão do texto, da narrativa da luz, da música, algo mais dramático. E há também a dinâmica do ritmo, mudanças de iluminação (a interpretação até psicológica da luz – escurecer, clarear, mudar de cor) fatores interessantes de explorar tecnicamente, também. Às vezes diminui-se muito a luz e é preciso saber que ISO utilizar, encontrar a velocidade mais adequada para aquele momento da luz.

É minha intenção pensar não somente em um ator, mas pensar no grupo, observando os enquadramentos, o melhor posicionamento de todos no quadro. É preciso compreender um pouco do espetáculo para que possa haver uma identificação com o processo. No caso de espetáculos como “Pessoas”, de Antônio Hildebrando, professor da Escola de Teatro da UFMG, tive mais tempo de produzir e diversificar as fotografias porque o espetáculo aconteceu durante toda uma semana. O que tornou a situação bem diferente do balé que eu não tive como assistir aos ensaios, mas tive o privilégio de entrar no teatro antes do público e escolher um local mais adequado e estratégico, o que foi suficiente para produzir um material interessante mesmo sem conhecer *a priori* a apresentação.



FIGURA 8- Ballet “ La Traviata” FOTOGRAFIA: Cláudio Nadalin



FIGURA 9- Ballet “ La Traviata” FOTOGRAFIA: Cláudio Nadalin



FIGURA 10- Pessoas FOTOGRAFIA: Cláudio Nadalin



FIGURA 11- Pessoas FOTO: Cláudio Nadalin

2 PERÍODOS DE DEMOCRATIZAÇÃO DURANTE A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA FOTOGRAFIA

Para melhor entendimento do processo de democratização da técnica fotográfica, o que consiste em um dos principais objetos dessa monografia, considere interessante traçar um panorama da evolução tecnológica da fotografia, tendo como foco observar como a evolução tecnológica influenciou na popularização da fotografia (o fator econômico é relevante, na medida em que barateou os custos); e o desenvolvimento da parte operacional, o que tornou a prática fotográfica mais acessível e o manuseio do equipamento mais fácil, até para o aprendiz.

Durante a entrada do processo industrial na produção artística, na era da reprodutibilidade técnica, acontece a destruição da aura da obra de arte, que perde seu valor como obra única. Ocorre uma transferência de valor do objeto para a informação, invertendo o vetor de significação e refletindo o pensamento pós-industrial de desejar a informação e já não os objetos. A fotografia torna-se o primeiro produto da pós-indústria.

A impressão gráfica surge em 1890, provocando a multiplicação e distribuição de imagens em larga escala, transformando definitivamente a fotografia em um produto de massa e transportando o homem da era tipográfica para a era gráfica.

Na Antiguidade já se conhecia os princípios básicos da ótica que possibilitaram a invenção da fotografia, Aristóteles e Euclides atestam o fenômeno produzido pela produção de imagens na passagem da luz por um pequeno orifício.

Bem mais tarde, os artistas renascentistas acrescentaram lentes e espelhos à câmara escura a fim de reinverter a imagem e melhorá-la para auxiliar na produção de desenhos e pinturas. Este recurso possibilitou a reprodução fiel da perspectiva e de áreas de luz e sombra. Faltava ainda a descoberta de um material sensível à luz para apreender a imagem projetada no interior da câmara.

Em 1604, o italiano Ângelo Sata descobriu um material foto-sensível à base de prata, entretanto, só mais tarde foram descobertas maneiras de fixar a imagem

revelada, em um suporte, e enfim poder tocar, guardar, apreender, possuir as imagens fotográficas.

Entre 1800 e 1840 várias pesquisas foram desenvolvidas em diversos lugares do mundo, destacando-se os trabalhos dos franceses Joseph Nicéphore Niépce e Louis Jacques Mandé Daguerre, inventor do *Daguerreótipo* que tornou o retrato fotográfico um pouco mais acessível, e do inglês William Henry Fox Talbot. Este último foi o criador do *Calótipo*, o primeiro processo a permitir a reprodução e multiplicação de imagens a partir de uma matriz, que constitui a base da utilização universal de fotografias até os dias de hoje, e que também contribuiu para a democratização do retrato fotográfico. Em 1839, o governo francês compra de Daguerre a patente da fotografia e a doa a humanidade.

Em 1854 o fotógrafo francês André Disdéri (1819-1889) inventou o formato cartão de visita, baixando consideravelmente o preço do retrato fotográfico que torna um dos produtos mais comercializados no século XIX.

A grande popularização do retrato proporcionou o desenvolvimento de um fenômeno interessante; os retratos em cartões de visita podiam ser colecionados e as imagens de artistas, políticos e celebridades podiam se adquiridas em lojas e se tornaram tão próximas, que proporcionavam a falsa impressão de intimidade entre as pessoas públicas e pessoas comuns, dividindo o mesmo espaço nos álbuns de fotografia.

Paralelamente no Brasil, Hercules Florence, um francês radicado no país também desenvolvia pesquisas com a sensibilização a partir da ação da luz, em materiais de embalagens. Seu trabalho ficou praticamente no anonimato até que, o jornalista e professor Bóris Kossoy (1883) desenvolvesse uma das maiores pesquisas e reconstituições de métodos, técnica e processos já realizadas no país, e a partir de seu livro "A descoberta isolada da Fotografia no Brasil". Florence foi reconhecido internacionalmente entrando para a história como um dos pioneiros na descoberta da Fotografia.

Com o desenvolvimento de chapas fotográficas mais sensíveis, de objetivas luminosas e de processamentos químicos mais eficientes, torna-se possível fazer o retrato, uma das categorias de fotografia mais difundida em todos os tempos. O que

podemos comprovar em Walter Benjamin em sua obra “Pequena história da fotografia” é que:

“As primeiras pessoas reproduzidas entravam nas fotos sem que nada soubessem sobre sua vida passada, sem nenhum texto escrito que as identificasse. Os jornais ainda eram artigos de luxo, raramente comprados, e lidos no café; a fotografia ainda não se tinha tornado instrumento, e pouquíssimos homens viam seu nome impresso. O rosto humano era rodeado por um silêncio em que o olhar repousava. Em suma, todas as possibilidades da arte do retrato se fundavam no fato de que não se estabelecera ainda um contato entre a atualidade e a fotografia.

Os retratos fotográficos eram realizados em estúdios ainda sobre forte influência estética da pintura e do desenho. A fotografia satisfazia os desejos da emergente classe média interessada por todo tipo de imagens e foi com o retrato fotográfico que ela alcançou sua maior aceitação, qualquer pessoa poderia ser fotografada com facilidade e a um preço acessível. “A fotografia, impulsionada pela sua extraordinária capacidade de difusão, tornou-se uma projeção de valores democráticos.” (BENJAMIN,1987, p. 95)

Em 1878 acontece a primeira grande democratização da fotografia com a disponibilização no mercado de chapas de vidro com emulsão de gelatina, possibilitando que um grande número de pessoas pudesse se dedicar à fotografia, sem a necessidade de muito conhecimento técnico e poder empreender uma prática antes restrita às elites. Esta popularização da fotografia tornava possível a qualquer pessoa, transformar suas emoções, seus pensamentos, seu modo de ver a vida em imagens capazes de serem difundidas, reproduzidas, discutidas e apreciadas.

Um pouco mais tarde, em 1888, George Eastman revoluciona a fotografia ao lançar a sua câmara *Kodak* com filme flexível e o *slogan*: “Você aperta o botão e nós fazemos o resto”.

A produção de equipamentos menores e mais leves, e o desenvolvimento dos materiais fotossensíveis, proporcionaram agilidade para fotografar sem o uso do tripé e com tempos de exposição bem curtos. As câmaras foram para fora dos

estúdios provocando o surgimento de outros usos para a fotografia como a documentação de eventos sociais ou de cenas do cotidiano.

O desenvolvimento tecnológico possibilitou a conquista do instantâneo, um dos mais característicos atributos da fotografia que é a capacidade de fazer registros de pessoas e objetos em frações de segundo. O fotógrafo encontra um novo desafio: o de escolher o momento exato de acionar o disparador e eternizar uma imagem estaticamente. A fotografia já assume um dos papéis principais em um cenário de grande valorização da imagem.

Em 1925 surge a primeira câmara 35 mm e na década seguinte começam a ser comercializados os filmes de transparência coloridos.

Nas décadas de 50 e 60 houve outra grande popularização da fotografia com as câmaras 35 mm, que uniam o pequeno porte à agilidade e ótima qualidade de imagem tornando um padrão para a maioria da fotojornalistas. Este tipo de equipamento contribuiu para a expansão do mercado fotográfico amador, levando a produção de rolos de filmes à casa dos bilhões por ano. Nos anos 70 veio o ingresso da eletrônica nos equipamentos fotográficos com sistemas e mecanismos automatizados, tais evoluções trouxeram um grande avanço para a fotografia comercial e científica e culminaram na substituição do filme de base química pelo sensor eletrônico.

O final do século XX foi outro período de grande democratização da fotografia com o lançamento de câmaras com sensor eletrônico (câmaras digitais), mudando a fotografia até então amparada no campo do conhecimento da química, para a fotografia sustentada pelo campo do conhecimento da física. Vieram também os programas de manipulação e edição de imagens no computador trazendo uma infinidade de recursos de tratamento de imagens.

A partir da virada do século a grande maioria dos equipamentos fotográficos produzidos era de tecnologia digital, substituindo as câmaras analógicas e ocasionando uma mudança tecnológica tão rápida, que gigantes da indústria fotográfica como a *Kodak* foram à falência por não se prepararem para tais mudanças.

Surgem os dispositivos de múltiplas funções, telefones celulares com câmara fotográfica e de filmagem, tocadores de música e navegadores para internet e a tecnologia digital desenvolve-se rapidamente. A internet possibilita a transmissão e recepção de imagens em tempo real. Por não acompanhar este ritmo e com o custo mais baixo da tecnologia digital, o uso da fotografia analógica diminui consideravelmente.

Câmaras compactas, alta resolução de imagem, maior sensibilidade possibilitam fotografar com pouca intensidade de luz, sem prejudicar a qualidade da imagem. Uma série de recursos incorporados ao equipamento facilita o uso da fotografia proporcionando novos ângulos de visão e influenciando o modo de registrarmos e representarmos o nosso mundo. No início do século XXI a internet conecta os quatro cantos do mundo tornando-se o maior álbum de fotografia em escala global.

A seguir apresento um quadro em que reconheço períodos de maior democratização da fotografia durante a sua história.

Resumidamente temos o fotógrafo Disdéri criou em 1854 o formato cartão de visita e o seu tamanho econômico tornou-se um padrão, que é usado até os dias de hoje. A partir de 1878, a utilização de chapas de vidro torna o processo fotográfico mais ágil. A Kodak revoluciona e populariza a fotografia em 1888 lançando no mercado uma câmara compacta, de simples manuseio e baixo custo. Em 1950, o formato de câmeras 35mm é popularizado pelos foto jornalistas. Em 1990 explode o consumo de câmeras fotográficas com a nova tecnologia digital.

Destaco, entretanto, que os fatores determinantes para essa popularização foram o barateamento dos equipamentos e materiais fotográficos e sua operação ir se tornando progressivamente menos complexa.

Períodos de popularização da fotografia durante a sua história

Antiguidade	Aristóteles
Século X	Alhazen
Renascença	Câmara escura
1604	Sata - material foto-sensível
1800 a 1840	Emergência da fotografia
1826	Primeira imagem formada e fixada
1833	Florence – Brasil
1837	Daguerreótipo
1839	Patente comprada pela França
1841	Possível fazer o retrato
1850	Negativos de vidro – Colódio
1854	Disdéri lança o formato cartão de visita
1878	Popularização da fotografia - Chapas de vidro emulsão de gelatina - o processo fotográfico fica mais ágil
1888	Câmara <i>Kodak</i> - revoluciona a fotografia (câmaras simples de baixo custo)
1890	Impressão gráfica -
1925	Câmaras 35 mm
1935	Filmes de transparência colorido
1941	Consolidação das leis trabalhistas - Popularização da foto 3x4 no Brasil (o

	retrato 3x4 fica acessível à classe trabalhadora)
1950 a 1960	Câmaras 35 mm (formato pequeno e mais ágil)
1970	Ingresso da eletrônica na fotografia
1990	Tecnologia digital (aumento enorme na produção e consumo mundial de câmaras digitais)
2000	INTERNET

2.1. Popularização e banalização da fotografia

A banalização da fotografia acompanhou o período de grande popularização da tecnologia digital, que teve início na década de 90, quando as imagens produzidas eram de baixa qualidade e os preços dos equipamentos fotográficos ainda eram muito elevados.

No início do século XX, o desenvolvimento tecnológico trouxe câmaras mais compactas, com alta qualidade de imagem, a preços acessíveis e sem os custos de filmes e revelações. A grande produção pelo mercado de câmaras, *tablets* e celulares, possibilitou uma superprodução de imagens, (geralmente produzidas no automático, sem conhecimento técnico ou estético), que conseqüentemente, influenciou na banalização da fotografia.

A facilidade de reprodução de arquivos digitais, com o arquivo original podendo ser reproduzido fielmente e infinitamente acaba com a aura de autenticidade do negativo fotográfico.

Observo que paralelamente à grande popularização da fotografia, acontece também a sua democratização. A possibilidade de uma quantidade bem maior de pessoas usarem equipamentos fotográficos e fotografar o que quiser, proporciona o desenvolvimento de novas habilidades e novos olhares, a quem possivelmente, não teria descoberto a fotografia sem a facilidade de acesso disponível atualmente. Decidir o que fotografar torna-se uma democrática opção pessoal.

Penso que a tecnologia digital ampliou as possibilidades dentro do universo da fotografia com uma diversidade de equipamentos e recursos de produção de imagens. A procura de novas maneiras e novos meios de fotografar e a busca da originalidade são formas de não contribuir com a banalização e vulgarização da fotografia, assim como o conhecimento histórico da evolução da fotografia e o diálogo com procedimentos tradicionais como o *Pinhole* e os processos químicos de revelação.

Assim, podemos dizer que fotografar é dar novas formas, novas tendências, novas reflexões às imagens, seus resultados e suas perspectivas.

3 PROPOSTA DE UMA NOVA PRÁTICA DE ENSINO DE FOTOGRAFIA

Considero importante a minha experiência profissional em áreas diferentes da fotografia (como o jornalismo, por si só uma área bastante diversificada) lidando diariamente com situações e condições diferentes para fotografar. A prática em estúdio próprio me possibilitou maior experiência com a fotografia de pessoas e trabalhos comerciais; já a atividade exercida no CECOR, com caráter mais técnico fotografando obras de arte, o que exige constantemente o tripé de câmera e um rigor mais técnico quanto à iluminação e principalmente quanto à fidelidade da reprodução de cor.

Esta bagagem facilita a comunicação com meus alunos, percebo que meu leque de experiências possibilita entender melhor o raciocínio e a necessidade deles diante do aprendizado da fotografia. A prática em situações diversas - e quando nem sempre as condições técnicas, como iluminação e equipamento são favoráveis - é importante porque nem sempre temos disponíveis materiais adequados, tanto na escola quanto com os próprios alunos. Saber usar o tripé e a iluminação ambiente, por exemplo, ajuda na melhoria da qualidade da imagem fotográfica, sem necessariamente usar equipamentos caros e sofisticados.

Idealizei essa proposta para o curso de fotografia da AENCO (Associação dos Engenheiros da Centro-Oeste). O público é bem mais idoso, e não é da área de arte. Montei o curso refletindo sobre as propostas pedagógicas da Ana Mae, utilizando o triângulo conceitual (fruir, contextualizar, fazer), numa tentativa de aplicação direta dos conceitos na atuação pedagógica, o que eu já havia começado a experimentar no curso ministrado na FAOP, propondo uma atividade a partir do trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado. Então, essa nova proposta eu direcionei para o uso operacional da câmera (amadora, profissional, analógica, digital).

Desde o começo do curso percebi a influência da faixa etária – os alunos da FAOP são mais jovens, acostumados a lidar com tecnologia, tanto do computador quanto de câmeras fotográficas digitais, e também o uso de editores de fotos. Foi também notável o grande interesse e dedicação dos alunos de mais idade da turma da AENCO.

Importante observar que a aplicação dos conceitos foi examinada no desenvolver do curso, observando a dinâmica da “Predominância” de um ou outro conceito (essa idéia de predominância pode ser aqui entendida como uma escolha consentida de uma idéia ou conceito, em busca do melhor caminho entre as possibilidades para se realizar o trabalho; sem, no entanto, excluir - ou mesmo diminuir - a importância de outros aspectos presentes na prática de ensino.), segundo a sua praticidade de aplicação durante o processo, podendo alternar sua aplicação, predominando hora um conceito, hora outro. Reitero a minha preferência pela prática, visto que eu gosto da prática e aprendo com ela. Ademais percebo que os alunos aprendem muito mais com a utilização da triangulação do que com aulas expositivas.

Abaixo, uma proposta do planejamento das aulas, com a aplicação dos conceitos da triangulação em cada etapa. Reiterando que o viés predominante o da prática, mas os demais conceitos são também observados, ainda que de forma não tão direta.

Instituição que receberá o projeto

AENCO - Associação dos Engenheiros da Centro-Oeste

R. Itajubá, 295, Floresta - BH - MG

Caracterização do público

Cidade - Belo Horizonte

Faixa etária - acima de 60 anos e seus familiares

Nível de escolaridade - Superior e Médio

Renda - Classe média

Material para o curso

AENCO- Sala de aula com computador e Data show

Professor - Câmera fotográfica digital, tripé, acessórios, vídeos, livros, material didático interativo

Alunos - Equipamento fotográfico que tiver disponível: Câmeras digitais profissionais ou amadoras, celulares com câmera, Cartão de memória, cabos, bateria.

Plano de trabalho

Aula 1- Apresentação da proposta do Curso

Vídeo – História da Fotografia

Apresentação de material didático – Câmera Escura de papelão

Tarefa 1- Trazer fotografias (pode ser de livros e revistas)

Aula 1 – destaco a importância da história da Fotografia, a História da Arte, para dar uma contextualizada. A maioria dos alunos conhece o equipamento, a sua utilização, mas desconhecem o processo desenvolvido até chegar na câmera que eles estão utilizando. Nesse começo não dá para fotografar ainda, então aproveito para mostrar como funcionam os equipamentos, mas sempre dentro do possível procuro desenvolver alguma atividade prática também. Nessa primeira aula costumo levar uma câmera escura, que pode ser feita de forma prática e barata até pelos alunos mesmos quando é possível.

Mostro as propriedades da fotografia conhecidas desde a Antiguidade, como mais adiante, na Renascença, quando os artistas usavam a câmera escura para ajudar no desenho (na construção da perspectiva e do claro-escuro), então mostro também princípios da fotografia, como sensibilização da luz, a abertura do diafragma, e levo equipamento também. Levo uma câmera analógica, que é muito útil no ensino porque ela abre, e fica possível visualizar seu funcionamento, como as aberturas de diafragma e do obturador; ao contrário do equipamento digital que já é concebido para o usuário não abrir, e com isso não entender seu funcionamento. Na sequência, então, eu peço a eles para levar algum material, o que tem em casa, o que já fotografou e/ou o que acha interessante sobre fotografia. Pode ser foto antiga, da família; se não tiver pode ser alguma foto interessante de revista, para a gente discutir, e até mesmo refletindo sobre a procedência da fotografia, levando em conta a época em que foi feita, se são fotos publicitárias, jornalísticas, artísticas, pessoais.

Aula 2- O equipamento e suas funções:

Sensibilidade ISO - Balanço do branco - Focalização

Apresentação e comentários sobre as fotos da tarefa 1

Tarefa 2- Fotografar experimentando as funções da câmera

Apresentação das funções na câmara e suas aplicações práticas. Eu explico como funciona a sensibilidade à luz na fotografia, como e quando alteramos o ajuste de ISO, como a temperatura de cor das fontes de luz, interfere na reprodução de cores da foto e como é sua regulagem na câmara. Demonstro como é a relação do foco com a distância do objeto ou da cena fotografados.

Primeiro eu apresentei as funções e regulagens na câmara digital e depois propus que cada aluno experimentasse em seu próprio equipamento.

O aluno Francisco trouxe um álbum com fotos da namorada que ele fez em sua casa, se percebe a preocupação com o fundo e com a iluminação.

Bárbara apresentou muitas fotos repetitivas que ela fez em casa, no sítio e de seus animais.

Aula 3- Apreciação de trabalhos de fotógrafos brasileiros

([http://: www.fotografosbrasileiros.blogspot.com.br](http://www.fotografosbrasileiros.blogspot.com.br))

Funções da câmera: Diafragma – Obturador

Programas automáticos

Utilizei o link de um blog (www.fotografosbrasileiros.blogspot.com), que contém um panorama dos fotógrafos nacionais, e achei importante a iniciativa de trabalhar com fotógrafos brasileiros porque conhecemos muito o trabalho de fotógrafos internacionais; a gente não conhece a prata da casa, senão, um Sebastião Salgado, Mario Cravo Neto, J. R. Duran, mas temos uma infinidade de fotógrafos de altíssima qualidade, (como Milton Guran, Eustáquio Neves e Marcela Haddad), com produções artísticas e já trabalhamos com muitos fotógrafos estrangeiros na introdução quando tratamos da historia da fotografia.



Foto: Milton Guran



Foto: Eustáquio Neves



Foto: Marcela Haddad



Foto: Custódio Coimbra

Para que a aula não se tornasse demais expositiva, utilizei a prática do entendimento do diafragma, como funciona o obturador, e ainda algumas funções operacionais da câmera. Pego a minha própria câmera de modelo analógico, abro para mostrar o funcionamento mesmo do equipamento, como a lente influencia na abertura do diafragma. Abro a parte de trás da câmera, onde está contido o filme, para ver como funcionam os dispositivos. Lembrando que essas funções são as mesmas das câmeras digitais, com a diferença que a tecnologia digital não permite esse tipo de visualização do funcionamento do aparelho.

Mas ressalto que a câmera analógica oferece algumas outras possibilidades, por exemplo, um controle maior sobre as questões do diafragma, em geral as automáticas ou as câmeras mais simples não tem muitas opções de abertura. Então mostro a partir da minha câmera e peço aos alunos que tentem descobrir como funcionam essas funções nas câmeras deles, para saírem do automático e ter um pouco de domínio da câmera fotográfica.

Aula 4- Saída Fotográfica

Fotografia com luz natural – Ambiente externo

Fotografia luz natural - Começamos fotografando a Praça Floriano Peixoto e exercitando os fundamentos aprendidos na aula anterior, mudando os controles de sensibilidade, o balanço do campo, fazendo experiências com essas variações, o ajustes automáticos também; também observamos a focalização, dar a eles uma noção melhor de enquadramento (normalmente o aprendiz ou amador atira a câmera para um motivo principal e não observa o que acontece no entorno), então isso tudo ajuda muito na organização e na composição da foto. Interessante destacar o trabalho de um dos alunos, que tinha preferência por motivos de paisagem, e ela descobriu um grupo de escoteiros e fez fotos bastante interessantes, espontâneos do grupo, e depois diversificou e fotografou um casal de namorados, uma criança, num processo de procura por outros temas que ela não gostava muito.

Aula 5- Utilização do computador

Descarregar, visualizar e editar as imagens fotográficas.

Essa atividade eu com um caráter introdutório porque os alunos de mais idade não tinham muito contato com o computador, então considerei essa noção básica, de pegar a câmera e descarregar no computador as imagens, guardar em uma pasta, visualizar e escolher as melhores imagens, já é um primeiro passo.

Em geral eles viam o próprio trabalho, as fotografias que fizeram com muita surpresa. E do meu ponto de vista tive surpresas também, como é o caso de uma aluna que fotografa compulsivamente, mas repetia sempre os temas e a abordagem, sem muita noção de composição, de enquadramento e até de focalização. Eu percebi uma clara evolução. Evidente que por ser um curso de iniciação, ninguém se propõe a ser artista.

Algo que observei é a necessidade de mais tempo de carga horária, sendo que cheguei a ministrar duas aulas a mais para cumprir o programa estabelecido.

Aula 6- Fotografia com luz artificial

Uso do Tripé

Saber explorar outras fontes de iluminação além da luz natural e fotografar com luz ambiente artificial é fundamental para o fotógrafo trabalhar com versatilidade.

Considero o aprendizado do uso do tripé fundamental, pois possibilita fotografar com longos tempos de exposição e em condições de pouca iluminação como em cenas noturnas. É um acessório de ótimo custo benefício por proporcionar ao fotógrafo condição de trabalhar com iluminação ambiente colocando a câmera estática e aumentando o tempo de exposição.

Fizemos uma atividade prática na sede da AENCO fotografando uma maquete de uma estação ferroviária. Foi possível usar o tripé e a iluminação artificial do ambiente e exploramos também o recurso da macrofotografia com belas fotos de detalhes das miniaturas produzidos pelos alunos.



Foto: Rosalí



Foto: Francisco



Foto: Ivan

Aula 7- Contextualização das imagens produzidas

Na seleção das imagens produzidas discutimos abordagens técnicas e poéticas dos trabalhos, como foi seu desenvolvimento e da evolução do aprendizado.

Discutimos relacionamentos históricos, culturais, sociais e emotivos nas imagens.

Edição dos trabalhos para exposição de fotografia.

Particpei da edição junto com os alunos e eles escolheram suas melhores fotos no contexto geral ou selecionaram por um tema: paisagem, pessoas, cotidiano.

Os trabalhos são avaliados técnica e esteticamente quando também são observadas as respostas do desenvolvimento e aprendizado dos alunos quanto ao uso do equipamento fotográfico.

Aula 8- Exposição dos trabalhos do curso de Fotografia da AENCO

Como fechamento do processo desenvolvido, montamos uma exposição dos trabalhos na sede da AENCO quando vamos receber os convidados para apreciação das fotografias dos alunos do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto mostrou alguns pontos importantes sobre a fotografia como a questão humanista da democratização da imagem, e observou-se que a durante sua evolução ao longo dos anos, a fotografia sofreu várias mudanças sociais, culturais e estéticas.

Promover novas possibilidades para o ensino da fotografia, esclarecendo funções técnicas e estéticas e introduzir questionamentos, sociais, culturais e artísticos, proporciona a um público com pouco acesso as tecnologias atuais de produção de imagens, a ampliação de seus conhecimentos e de seu relacionamento com a expressão fotográfica, tão presente na contemporaneidade.

A metodologia e propostas práticas fundadas na abordagem triangular de Ana Mãe Barbosa permitem várias entradas em que exploro o meu viés prático. A riqueza desse trabalho está justamente no processo de aplicação desses métodos e atividades sendo estendidos também aos resultados. Sua aplicação de forma fluida e contínua, permite criar estratégias para trabalhar com públicos de diferentes perfis.

Com as técnicas utilizadas e apresentadas no presente, pode-se dizer que se gerou um conhecimento sistemático sobre o ensino e a aprendizagem da fotografia.

Este processo depende de uma interação social muito grande em que a participação da sociedade é determinante, quando, ao invés de receber a matéria prima, ela passa a fornecer e de certa forma, passa a ser a própria matéria prima tornando-se um indício de democratização.

Na condição de mediador tenho a possibilidade de ampliar meus conhecimentos diante da diversidade de público que irei lidar e como eles vão se situar diante desse processo. A proposta metodológica me permite, enquanto professor, criar estratégias para trabalhar com a matéria prima que estiver disponível, e esta proposta de ensino comprova que a metodologia pode e deve ser fluida e se adequar segundo cada situação.

REFERÊNCIAS

<<http://www.amazonasimages.com>> Acessado em 05.06.2013;

<<http://cecadidobrasil.blogspot.com.br/2009/09/o-retrato-fotografico.html>> Acessado em 28/10/2013;

<<http://www.eba.ufmg.br/cfalieri/frame.html>> Acessado em 28/10/2013;

<<http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografia-brasil-hercules-florence.htm>>

<<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2012/JulianaCorrêa.pdf>> Acessado em: 14/09/2013;

<<http://www.confoto.art.br/artigos15.php>> Acessado em: 12-09-2013;

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. São Paulo: Papyrus Editora;

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. Editora Perspectiva. São Paulo.

BARBOSA, Ana Mae. *A Proposta ou Abordagem Triangular*. Disponível em <http://inovareduca.com/index.php?option=com_content&view=article&id=154%3Aa-proposta-ou-abordagem-triangular-ana-ae&catid=2%3Aead&Itemid=84&lang=br> - Acessado em 24/05/2013;

BARBOSA, Ana Mae: *Abordagem triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010;

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara Nota sobre Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011;

COSTA, Cristina. *Questões de arte*. São Paulo, Moderna, 2004. Cotia – SP. Disponível em <<http://www.amazonasimages.com>> Acessado em 24/05/2013;

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31º, 2008, Natal-RN: Intercom. *Fotografia e Educação: Alguns Olhares do Saber e do Fazer*. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0259>>. Acesso em : 24.05.2013;

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. São Paulo. Papyrus Editora. Florianópolis, 2006

FLUSSER, Vítém. *Ensaio sobre a Fotografia: Para uma filosofia da técnica*. Funarte.<[http://: www.fotografosbrasileiros.blogspot.com.br](http://www.fotografosbrasileiros.blogspot.com.br)> Acessado em:

GARCIA, Regina Leite (org.): *Múltiplas Linguagens na Escola*. Rio de Janeiro, DP&A 2000.

HEDGECOE, John. *Guia Completo de Fotografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HORTA, Assis: *A Democratização de Retrato Fotográfico através da CLT*.

KOSSOY, Boris: *Realidades e ficções na trama fotográfica* Atelier Editorial. Paulo SP.

KUBRUSLY, Claudio Araújo. *O que é Fotografia*. São Paulo: Editora Brasiliense.

BARBON, Lilian Trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas – Habilitação em Bacharelado do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina

PIMENTEL, Lúcia; GOUTHIER, Juliana. *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Cadernos 1,2 e 3* - Belo Horizonte, UFMG.

Relógio d água Lisboa.

REY, Sandra. *Da teoria a prática*. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/70593085/Sandra-Rey-Da-Pratica-a-Teoria>> Acessado em 06.06.2013;

SALGADO, Sebastião. *As melhores fotos*. São Paulo: Sver&Bocato,1992;

SALGADO, Sebastião. *Trabalhadores*. São Paulo: Cia das Letras, c 1996, 399p.;

SALGADO, Sebastião. *As melhores fotos*: São Paulo:

TEIXEIRA, Henrique Augusto Nunes. *FOTOGRAFIA: Campo Expandido para o Ensino de Arte*. Dissertação de Mestrado Escola de Belas Artes UFMG 2012.